

Inocentes punidos

Maria Leticia Fonseca Barreto

Foi grande a repercussão do artigo *Para pensar enquanto é tempo*, escrito pelo cientista político Herbert de Souza, publicado no JORNAL DO BRASIL. Trata-se de um contundente alerta contra o "governismo", que pode nos levar ao que não merecemos, àquilo que em 64 já não merecíamos.

No contexto mais amplo das inúmeras greves deste 1989, a dos professores mineiros foi vivida pelos pais dos alunos de escolas particulares de uma maneira inusitada e muito rica... se devidamente analisada e assimilada.

A questão da distribuição de renda neste país deixou as páginas dos suplementos de economia dos jornais de circulação diária e sentou-se em bancos escolares, diante de um quadro-negro a palavra GREVE foi escrita em letras garra-fais.

Para onde vai nosso dinheiro? Cada vez que se aumenta a mensalidade paga à escola, o conflito se estabelece entre o lucro dos donos de estabelecimentos de ensino e a melhoria da remuneração dos professores: podem os pais interferir nesta questão? Até quando devemos esperar que o bolo cresça para depois ser repartido? Será que algum dia este bolo será suficientemente grande para atender à voracidade dos que já têm a faca e o queijo na mão?

Assembléias de pais foram convocadas. Participei de uma delas e de seus desdobramentos. O salão, repleto. Colégio classe A, senhores e senhoras classe média alta, muito bem vestidos, alguns sentados no chão. Microfone disputado, longas filas diante dele. Algumas vaias. Muitas agressões verbais. Questões importantes, apenas tangenciadas. Na democracia emergente, o exercício da cidadania ensaia seus primeiros passos, em clima emocional, com total despreparo para ouvir opiniões divergentes. Muitas informações, pouca análise; nenhum esclarecimento sobre tópicos obscuros. Onde a verdade? Em quem acreditar?

Creio que ali se reproduziam os resultados da pesquisa do IBOPE, de maior abrangência: um terço dos presentes era totalmente a favor da greve dos professores; um terço, totalmente contra; um terço a favor, com restrições. Os posicionamentos ideológicos eram os mais diversos — eleitores de Jânio e Collor sentados lado a lado com eleitores de Lula e Brizola. No entanto, surpreendentemente, havia uma grande identidade entre todos: unissonas eram as vaias, unânimes os aplausos, quase sempre. Mais de mil pessoas estavam irmanadas por um único sentimento: os pais estavam irritados.

Irritados estavam os pais como os usuários do trem da Central, no Rio de Janeiro, quando uma intempestiva greve negou-lhes o direito de voltar para casa depois de um dia de trabalho. Indignados estavam os pais, como os aposentados impedidos de receber sua pensão pela greve do Banco do Brasil. Os pais perceberam que eram os principais (talvez os únicos) preju-

dicados pela greve dos professores — eles e seus filhos. Os pais protestavam. Contra quem?

Mais do que sentimento, unia os pais um objetivo comum. Tanto os que defendiam os professores e suas reivindicações, como os que queriam demissão em massa e novas contratações, tanto os que afirmavam que a culpa era da CUT, como os que enxergavam vilões no sindicato patronal, todos exigiam o reinício das aulas, depressa, "amanhã"!

"Pensar enquanto é tempo" é um conselho muito bom e a hora é chegada.

Não haverá democracia neste país, enquanto não for ela exercitada em nossas escolas, por todos que delas fazem parte, incluindo-se aí pais de alunos. E o exercício da democracia supõe racionalidade e um claro posicionamento diante de questões básicas. Em seu artigo, Betinho convocou-nos a considerar a dimensão ética e política dos partidos, dos sindicatos e dos movimentos populares. É necessário também, e prioritariamente, pensar a dimensão ética e política da Escola, "ou seremos cúmplices e corresponsáveis por todos os prejuízos sociais, morais e políticos que já estamos sofrendo" e por aqueles que virão a sofrer nossos filhos e nossos netos. Pensar enquanto é tempo...

Hoje as escolas vivem o *day after*. Professores aguardam a decisão do dissídio coletivo; os donos de estabelecimentos de ensino preparam os cálculos para o aumento de mensalidade já autorizado; os pais voltam a seus afazeres, novamente acomodados. E os meninos?

Os meninos enfrentam uma sobrecarga de matéria, suas férias comprometidas, o intervalo entre as provas diminuído; alguns têm aulas aos sábados, outros, em dois turnos. Os meninos estão inquietos e indisciplinados, captaram no ar a irritação dos pais, o descontentamento dos professores, a pressão dos diretores.

As "bombas" no final do ano não merecerão manchetes, como as do Recife e de Volta Redonda. O que é a dor de uma criança, sua sofrida experiência de fracasso, a perda dos colegas-amigos da mesma idade, as lágrimas da mãe, a decepção do pai — o que é isso diante de um monumento destruído ou de um saguão de banco ameaçado? O que vale a educação em um país onde a dimensão ética só é lembrada por alguns poucos idealistas que acreditam na utopia de um mundo melhor possível? Como pensar seriamente no ensino, se a palavra educação está sempre presente nos discursos dos presidentes, mas ausente de orçamentos confiáveis e planejamentos sérios?

Os alunos reprovados no ano letivo de 1989 chorarão sozinhos sua "bomba": considerados relapsos, serão devidamente castigados. Por falar em ética... pior do que a impunidade dos culpados é a punição dos inocentes.

Maria Leticia Fonseca Barreto é mãe, psicóloga, com curso de especialização em Psicologia Educacional e pedagoga, com mestrado em Educação pela UFMG